

Obras Póstumas



Allan Kardec

PARTE I CAPÍTULO I – PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Deus	Obras Póstumas	03
A revelação de Deus	O Consolador	04
2. A Alma	Obras Póstumas	08
A Alma humana	O Consolador	10
3. Criação	Obras Póstumas	12
Deus e a criação material	O Consolador	14

Parte I

Capítulo I – Profissão de fé Espírita raciocinada

I – Deus

1. Há um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

A prova da existência de Deus temo-la neste axioma:

Não há efeito sem causa. Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade.

É a essa causa que se chama **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito**, etc.

Tais efeitos absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no Espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma providência, uma solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas.

A causa é, pois, soberanamente inteligente.

2. Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

Deus é **eterno**. Se tivesse tido começo, alguma coisa houvera existido antes dele, ou ele teria saído do nada, ou, então, um ser anterior o teria criado. É assim que, degrau a degrau, remontamos ao infinito na eternidade.

É **imutável**. Se estivesse sujeito à mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

É **imaterial**. Sua natureza difere de tudo o a que chamamos matéria, pois, do contrário, ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável.

É **único**. Se houvesse muitos Deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É **onipotente**, porque é **único**. Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que ele; não teria feito todas as coisas e as que ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É **soberanamente justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mais mínimas coisas como nas maiores e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

3. **Deus é infinito em todas as suas perfeições.**

Se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se lhe tirássemos a menor parcela de **eternidade**, de **imutabilidade**, de **imaterialidade**, de **unidade**, de **onipotência**, de **justiça** e de **bondade**, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito do que ele, é que seria Deus.

Especial

424 – 26/07/2015

O Consolador – (Adilton Pugliese)

I – DEUS

A revelação de Deus

“Há um Deus, inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” – Allan Kardec (1)

No horizonte cultural mais recuado da Humanidade, os povos primitivos identificavam a manifestação de Deus nos fenômenos das intempéries, na força das tempestades, na erupção dos vulcões, nas árvores gigantescas e nos granitos colossais. Nas noites estreladas Ele era imaginado e adorado na dimensão dos pontos luminosos no espaço sideral, os quais, durante o dia, aglomeram-se numa estrela de imensa grandeza, iluminando a Terra e o espaço e, durante noites especiais, se expressam na forma lunar, com a sua luz argêntea.

Avançando no tempo, os homens rudimentares ergueram totens e templos; ofereceram sacrifícios e homenagens Àquele que ninguém vê, mas que é chamado Tupã, ou Marte, ou Apolo, ou Alá, ou Jeová, Elohim e Adonai, caracterizando-O com as diversas expressões do politeísmo primitivo ou do monoteísmo.

O escritor Eliseu F. da Mota Júnior, no livro de sua autoria Que é Deus? - declara que:

“Se lançarmos um olhar pela histórica antropológica veremos a ideia de Deus presente no pensamento humano desde remotas tribos da antiguidade, onde tem início através de estranhas e rudimentares formas de exteriorização de culto, como o temor ao trovão, ao Sol e à Lua, passa pela adoração dos ídolos de pedra (litolatria), de vegetais (fitolatria), de animais (zoolatria) e do homem (antropomorfismo), para chegar à modernidade proliferando-se nas mais diversas religiões, seitas e crenças”..(2)

No Egito Antigo, estátuas colossais foram construídas pelos escravos para representá-Lo no contexto da teologia egípcia, sentindo-se, o próprio faraó, como um deus na Terra.

Deus é amor, afirmou João Evangelista

Nessa fase cultural, surge Moisés e define-O na substância do Monoteísmo, apresentando-O, contudo, como um Deus que se ofende e que pune.

Os séculos avançam e, após o Império Romano expressá-Lo nos deuses da guerra e nos deuses domésticos, Jesus surge nesse cenário e apresenta-O como Deus-Pai, declarando-se uno com Ele e em Seu nome inicia a abertura das veredas que levariam toda a Humanidade a reencontrá-Lo e religar-se a Ele.

Os deuses pagãos, mesmo assim, proliferaram, sobretudo na Grécia, quando o apóstolo Paulo, desperto para as realidades espirituais após o seu comovedor encontro com Jesus nas areias do deserto, em Damasco, fala no Areópago aos atenienses sobre o Deus desconhecido..(3)

Mais tarde, João Evangelista irá defini-Lo, em Éfeso, no final do primeiro século: DEUS É AMOR! (1 João 4:8). (4)

Na Idade Média, os equívocos do poder religioso dominante sufocam a Sua procura por parte dos homens, passando então a ser adorado somente por aqueles que se anunciavam como iniciados ou escolhidos.

Ultrapassado esse período histórico, e com o surgimento da Ciência, filósofos e mentes de visão reducionista do homem, propalaram, mais uma vez, a Sua morte, a exemplo do pensador alemão

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

Friedrich Nietzsche (1844-1900), com a alegoria do “Super-Homem”, declarando em Paris Deus morreu!, induzindo, equivocadamente, a Sua desnecessidade na vida humana. (5)

Para crer em Deus, basta olhar as obras da Criação

Nas academias científicas, é eleita a deusa razão como a soberana da vida, oferecendo os seus axiomas e postulados para explicar e orientar o destino humano. Nos dias modernos, defendendo esse polo ateu da Ciência, encontra-se o físico Victor Stenger, da Universidade do Havaí, que apresenta exemplos “de como o Universo simplesmente não precisa de Deus”, enfatizando que a Ciência pode provar que Deus não existe. (6)

Jesus, séculos antes, prevendo essas atitudes materialistas e de expressões negativistas quanto à existência do Criador, promete a vinda do Consolador, que apresentaria a Divindade com os Seus verdadeiros atributos e a Sua ação diretora no pensamento humano, através da providência e da misericórdia divina.

Assim, em 18 de abril de 1857, Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, oferece à Humanidade a obra fundamental da filosofia espírita, O Livro dos Espíritos, iniciando seus comentários com a pergunta Que é Deus? E recebendo como resposta que Ele “É a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus? – questiona o Codificador. “Num axioma que aplicais a vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá”, ditam-lhe os Espíritos, naqueles dias primordiais do advento do Consolador.

E conclui, em nota pessoal, o dedicado instrumento dos Espíritos Codificadores: “Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pode fazer alguma coisa”. (7)

Deus, eis a origem de tudo

Qual a origem do homem? Qual a origem da Terra e do Universo?

Essas indagações têm sido feitas em todos os tempos, não apenas por filósofos da antiguidade, a exemplo do pré-socrático Demócrito (460-370 a.C.); por religiosos como o jesuíta francês Teilhard de Chardin (1880-1955) e por cientistas modernos, destacando-se o alemão Albert Einstein (1879-1955), o inglês Stephen Hawking (1942-), dentre outros.

Antes, observamos o esforço de homens iluminados pelo interesse científico apontando os seus instrumentos, embora rudimentares, para o Céu, a exemplo de Johannes Kepler (1571-1630), astrônomo alemão, e Cláudio Ptolomeu (90-168), astrônomo e matemático grego do século II d.C., autor da teoria do Geocentrismo, tentando encontrar, nos mistérios do Infinito, uma resposta para a origem das coisas.

Sir Isaac Newton (1642-1727), físico e matemático inglês, considerado o pai da Física clássica, certa vez mandou construir uma réplica em miniatura do Sistema Solar, e com ela praticamente convenceu um colega ateu da impropriedade da hipótese do acaso criador. (8)

De onde veio o homem? Charles Darwin (1809-1882), naturalista e biólogo inglês, durante cinco anos de sua vida, viajando a bordo do navio HMS Beagle, dedicou-os a procurar, no passado dos seres vivos que habitaram a Terra, a solução para a existência, mutação e permanência das espécies, divulgando o resultado de suas famosas pesquisas no ano de 1859, cujo conjunto de textos denominou Sobre a Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural. (9)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

Os atributos da Divindade segundo Kardec

Porém, antes, em 1857, um pedagogo francês, Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), após contato com os habitantes do Mundo dos Espíritos – numa singular viagem mental a outras dimensões, e com eles entabulando conversações através do mecanismo da mediunidade, obteve instruções e ensinamentos acerca da origem, natureza e destino do ser humano na Terra e no Espaço Universal.

Técnico na formulação e na estruturação do pensamento, de forma didática enfeixou os ensinamentos recebidos na obra básica do Espiritismo, O Livro dos Espíritos, onde evidencia que tudo o que existe é obra de uma “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Obtendo a confirmação dos Espíritos acerca do grau supremo das perfeições de Deus, Allan Kardec define os atributos da Divindade, enfatizando que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente e soberanamente justo e bom, lembrando em seus estudos, portanto, as inesquecíveis lições de Jesus acerca do Pai de todas as coisas, pronunciadas dezoito séculos antes. (10)

Aprofundando os ensinamentos, os Imortais que ditaram a Codificação destacam a importância da Lei da Reencarnação, como lei dos mundos habitados, e que os Espíritos são obra de Deus, fazendo-os, na origem, simples e ignorantes, isto é, sem saber, sujeitando-os à Lei do Progresso, (11) onde encontramos os fundamentos da origem do gênero humano e de sua longa trajetória na Terra, vivenciando duas evoluções: a biológica e a espiritual.

Onde está Deus?

Enquanto a Ciência e as religiões ainda procuram respostas para os enigmas da Humanidade, envolvendo o momento alfa do homem e os mistérios do destino e da morte, o Espiritismo oferece seus postulados, de forma exuberante e pedagógica, esclarecendo que todo o princípio está em Deus, em Sua sabedoria e em Seus desígnios.

Um poeta, contudo, “dirá com a segurança de quem afirma porque tem certeza: eu vejo Deus no riso da criança, no Céu, no mar, na luz da Natureza”. É o que afirma o vate espírita, nascido em Sergipe, José Soares Cardoso (1927-1991) em sua obra Onde está Deus? Concluindo:

“Eu vejo Deus, enfim, por toda parte,
Que tudo fala dos poderes seus,
Descubro Deus na expressão da Arte,
No amor dos homens também sinto Deus!

Mas onde sinto Deus com mais beleza,
Na sua mais sublime vibração,
Não é no coração da Natureza,
É dentro do meu próprio coração.” (12)

(1) **Kardec** Allan, Obras Póstumas, (p.49.)

(2) **Júnior** Eliseu F. da Mota. Que é Deus?, (p.139.)

(3) **Atos dos Apóstolos**, (17:15 a 23.)

(4) Bíblia de Referência Thompson, (pp. 1115 e 1423.)

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

- (5) **Nietzsche** Friedrich. Assim Falava Zaratustra, (p.22.)
- (6) Revista Superinteressante, (março de 2013, p.46.)
- (7) **Kardec** Allan. O Livro dos Espíritos, (questões 1 e 4.)
- (8) **Júnior** Eliseu F. da Mota. opus cit, (p.148.)
- (9) **SOUZA** Hebe Laghi de. Darwin e Kardec Um Diálogo Possível.
- (10) **SOUZA** Hebe Laghi de. Darwin e Kardec Um Diálogo Possível, (Questão 13.)
- (11) **SOUZA** Hebe Laghi de. Darwin e Kardec Um Diálogo Possível, (Questões 76,77 e 115.)
- (12) www.recantodasletras.com.br/poesiasespíritualistas/3621186 – Acesso em 12.07.2015.

II – Alma

4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama **ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que** lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.

Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se conclua que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento.

5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.

Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bília o é pelo fígado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentais que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral.

As consequências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos.

A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda, a justificação do suicídio.

6. O Espiritismo prova a existência da alma.

Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso que eles não de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por si mesma e o está, sobretudo, pelo seu insulamento **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir sem o corpo. Pode-se dizer que, se a química separou os elementos da água; se, dessa maneira, pôs a descoberto as propriedades desses elementos e se pode, à sua vontade, fazer e desfazer um corpo composto, o Espiritismo, igualmente, pode isolar os dois elementos constitutivos do homem: **o Espírito e a matéria, a alma e o corpo**, separá-los e reuni-los à vontade, o que não deixa dúvida sobre a independência de uma e outro.

7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste.

Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o **grande todo**, como as gotas d'água no Oceano, seria igualmente, para o homem, o nada do pensamento e as consequências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma.

A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um.

Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. Se as almas se confundissem num todo comum, uniformes seriam as suas qualidades.

Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão frequentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

8. A alma do homem é ditosa ou desgraçada depois da morte, conforme haja feito o bem ou o mal durante a vida.

Em se admitindo um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham todas a mesma sorte. Se a posição futura do criminoso houvesse de ser a mesma que a do homem virtuoso, excluída estaria toda a utilidade da prática do bem. Ora, supor que Deus não faz diferença entre o que pratica o bem e o que pratica o mal fora negar-lhe a justiça.

Nem sempre recebendo punição o mal e recompensa o bem, durante a vida terrenal, deve-se concluir daí que a justiça será feita depois, sem o que Deus não seria justo.

As penas e os gozos futuros estão, ao demais, provados pelas comunicações que os homens podem estabelecer com as almas dos que aqui viveram e que vêm descrever o estado em que se encontram, ditoso ou infeliz, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos e enumerar-lhes as causas.

9. Deus, alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.

O Espiritismo junta às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, cessa toda razão de ser da incredulidade. É assim que o Espiritismo restitui a fé aos que a tenham perdido e dissipa as dúvidas dos incrédulos.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

16 – 01/08/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

II – A Alma

A alma humana

A visão dos materialistas

1. Antes do Espiritismo, errônea ou muito imprecisa, vaga e confusa era a idéia que se fazia da alma humana.

2. Erradamente considerada como efeito e não causa pelos materialistas, estes viam nos fenômenos psicológicos, dela dependentes, apenas o resultado da atividade funcional do sistema nervoso do homem. Um decantado, mas mal compreendido paralelismo psicofisiológico, parecia justificar esse modo de ver, porquanto, lesado o cérebro, ou a medula espinhal, ou os nervos, perturbam-se as funções superiores da consciência, o pensamento lógico, o juízo, o raciocínio, a memória, as sensações e as percepções humanas, instalando-se a demência, os delírios, as alucinações, a amnésia, as paralisias, a afasia, a insensibilidade e mesmo o coma.

3. Os homens de ciência, principalmente os fisiologistas, os psicólogos e os psiquiatras, foram desse modo levados a um erro fundamental, que é inverter os papéis do corpo e da alma, dando primazia àquele que, no entanto, é apenas instrumento da alma para a realização de suas atividades, enquanto encarnada.

A opinião dos vitalistas

4. Os vitalistas não cometeram o mesmo erro dos materialistas, mas, equivocadamente, confundiram a alma com o princípio vital da vida orgânica, sem explicar o atributo essencial da alma, que é a consciência individual, resultante da faculdade cognitiva ou inteligente do ser humano.

5. A inteligência nada tem a ver com a matéria, nem tampouco com o princípio vital, que é também substância material, embora sutil e dinâmica, donde emana a força vital, mas não a inteligência e, menos ainda, a razão lógica, o senso moral e todas as faculdades superiores, inexistentes nos outros seres vivos e organizados, vegetais ou animais, pelo menos no grau em que esplendem no homem racional e moral.

O ponto de vista dos espiritualistas

6. Os espiritualistas, ao contrário dos materialistas, consideram a alma como um ser real e distinto, causa e não efeito de toda atividade psicológica e moral do homem.

7. Conceituando-a como um ser distinto do corpo perecível e a ele sobrevivente, o espiritualismo clássico incorre, no entanto, no erro de considerar seja a alma criada com o corpo, ao qual se liga durante a vida física e dele se desprende com a morte, para seguir um destino do qual se fazem idéias muito vagas. A reencarnação, ensinada por grandes vultos da filosofia espiritualista, como Sócrates e Platão, não é aceita pelo espiritualismo clássico, que se alinha, nesse ponto, à doutrina da Igreja.

A alma vista pelo Espiritismo

8. Com Allan Kardec e a Doutrina por ele codificada, raiou no mundo a aurora de uma Nova Era, a Era do Espírito, e a conceituação de alma humana recebeu, então, brilhante luz.

9. Eis o que os próprios Espíritos ensinaram, no item 134 de “O Livro dos Espíritos”:

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

b) – Que seria o nosso corpo se não tivesse alma?

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um homem.”

10. É admirável no texto referido a limpidez da Doutrina Espírita a respeito do que seja a alma do homem: “A alma é um Espírito encarnado.”

11. A alma é, pois, um ser real, individual, independente e autônomo, de natureza puramente espiritual e que tem por destino grandioso progredir sempre, alteando-se cada vez mais em conhecimentos e em virtudes, o que ela logra mediante múltiplas existências corporais, nas quais se depura e se eleva gradualmente, até que, por fim, se liberta totalmente da necessidade de encarnar ao tornar-se Espírito puro.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 134.)

O Reformador, “Lembrando Kardec”, outubro de 1980.

III – Criação

10. Deus é o Criador de todas as coisas.

Esta proposição é corolário da prova da existência de Deus (nº 1).

11. O princípio das coisas reside nos arcanos de Deus.

Tudo diz que Deus é o autor de todas as coisas, mas como e quando as criou ele? A matéria existe, como ele, de toda a eternidade? Ignoramo-lo. Acerca de tudo o que ele não julgou conveniente revelar-nos, apenas se podem erguer sistemas mais ou menos prováveis. Dos efeitos que observamos, podemos remontar a algumas causas. Há, porém, um limite que não nos é possível transpor. Querer ir além é, simultaneamente, perder tempo e cair em erro.

12. O homem tem por guia, na pesquisa do desconhecido, os atributos de Deus.

Para a investigação dos mistérios que nos é permitido sondar por meio do raciocínio, há um critério certo, um guia infalível: os atributos de Deus.

Desde que se admite que Deus é **eterno, imutável, bom**; que é infinito nas suas perfeições, toda doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que tenda a lhe tirar qualquer parcela de um só dos seus atributos, será necessariamente falsa, pois que tende à negação da divindade mesma.

13. Os mundos materiais tiveram começo e terão fim.

Quer a matéria exista de toda a eternidade, como Deus, quer tenha sido criada numa época qualquer, é evidente, segundo o que se passa cotidianamente às nossas vistas, que são temporárias as transformações da matéria e que dessas transformações resultam diferentes corpos, que incessantemente nascem e se destroem.

Como produtos que são da aglomeração e da transformação da matéria, os diversos mundos hão de ter tido, como todos os corpos materiais, começo e terão fim, na conformidade de leis que desconhecemos. Pode a Ciência, até certo ponto, formular as leis que lhes presidiram à formação e remontar ao estado primitivo deles. Toda teoria filosófica em contradição com os fatos que a Ciência comprova é necessariamente falsa, a menos que prove estar em erro a Ciência.

14. Criando os mundos materiais, também criou Deus seres inteligentes a que damos o nome de Espíritos.

15. Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

16. À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as idéias, como na criança, e, com as idéias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

17. O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é consequente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio.

18. Os Espíritos são os agentes da potência divina; constituem a força inteligente da Natureza e concorrem para a execução dos desígnios do Criador, tendo em vista a manutenção da harmonia geral do Universo e das leis imutáveis que regem a criação.

19. Para colaborarem, como agentes da potência divina na obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem transitoriamente um corpo material. Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade.

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

A alma do homem é um Espírito encarnado.

20. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.

21. A encarnação dos Espíritos está nas leis da Natureza; é necessária ao adiantamento deles e à execução das obras de Deus. Pelo trabalho, que a existência corpórea lhes impõe, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, cumprindo a lei de Deus, os méritos que os conduzirão à felicidade eterna.

Daí resulta que, concorrendo para a obra geral da criação, os Espíritos trabalham pelo seu próprio progresso.

22. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor; ele avança na razão da sua maior ou menor atividade ou da sua boa vontade em adquirir as qualidades que lhe falecem.

23. Não podendo o Espírito, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que hão de conduzi-lo à meta, ele chega a essa aquisição por meio de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para a frente na senda do progresso e se escoima de algumas imperfeições.

24. Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda se não expungiu.

25. Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recomeçar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade.

26. Devendo o Espírito, em cada existência corpórea, adquirir alguma coisa no sentido do bem e despojar-se de alguma coisa no sentido do mal, segue-se que, após certo número de encarnações, ele se acha depurado e alcança o estado de puro Espírito.

27. É indeterminado o número das existências corpóreas; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral.

28. No intervalo das existências corpóreas, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. A erraticidade carece de duração determinada.

29. Quando, num mundo, os Espíritos têm realizado a soma de progresso que o estado desse mundo lhe faculta efetuar, deixam-no e passam a encarnar noutro mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos e assim por diante, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progridem noutro sentido e por outros meios. Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Admitidos nos Conselhos do Onipotente, identificam-se com o pensamento deste e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os outros Espíritos ainda em diferentes graus de adiantamento.

Crônicas e Artigos

218 – 17/07/2011

O Consolador – (Marcelo Damasceno do Vale)

Deus e a criação material

III – Criação

“Deus é imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.”

(Comentário à questão 13 de *O Livro dos Espíritos*.)

Sendo Deus, em sua natureza, totalmente imaterial, como poderá ele ter criado e continuar criando incessantemente no mundo material? Como o imaterial pode gerar a matéria? Qual o segredo? Estará nossa resposta no fluido cósmico universal?

Allan Kardec explica em A Gênese sobre esse fluido:

“O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. (Cap. X.) Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.” (Cap. IV, nos 10 e seguintes.) (1)

A pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. (2)

Uma vez entendida a natureza do fluido universal, ainda nos resta compreender o processo da criação divina. André Luiz explica no livro *Evolução em Dois Mundos* o processo de criação divina a partir do Fluido Cósmico Universal, afirmando que esse fluido é: “o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano”. (3)

Comenta André Luiz, mais à frente, neste primeiro capítulo:

“Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas. Devido à atuação desses Arquitetos Maiores, surgem nas galáxias as organizações estelares como vastos continentes do Universo em evolução e as nebulosas intragaláticas como imensos domínios do Universo”.

E conclui de forma admirável: “Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda a matéria é energia tornada visível e que toda a energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio”.

Deus cria a matéria e todas as suas expressões, por meio de nós – em plano menor quando ainda inferiores na escala evolutiva, em plano maior quando já estamos vinculados a Ele, nos estados superiores da evolução.

De toda forma, vivemos mergulhados em sua substância. Movimentamo-nos em Deus, absorvendo o Seu amor e nutrindo-nos de sua essência. Compete-nos, a partir de agora, refletir a

Obras Póstumas – (Parte I – Capítulo I)

luz divina que existe em nós, aprimorando-nos e exercitando o amor imaterial de Deus ao nosso redor.

Fontes:

(1) **Kardec Allan**, A Gênese, (cap. XIV, item 2.)

(2) **Kardec Allan**, A Gênese, (cap. XIV, item 5.)

(3) **André Luiz**, Evolução em Dois Mundos, (psicografia de Chico Xavier), (cap. 1.)